

Meio: Executive Digest

Data: 16-05-2022



Varsovia, Polónia

Apesar de proximidade com Ucrânia, empresas portuguesas com presença na Polónia estão a trabalhar de forma “normal”, dizem Câmaras do Comércio

Por Mariana da Silva Godinho — 08:00, 16 Mai 2022

No dia 24 de fevereiro de 2022, a Rússia iniciou a sua ofensiva ao país vizinho, a Ucrânia. Mais de dois meses depois, a guerra continua, as baixas são muito elevadas e ainda não é possível prever os custos da reconstrução das cidades ucranianas.

Perto da fronteira com a capital ucraniana, Kiev, a Polónia é dos países que recebe mais refugiados e que consegue ver mais de perto as dificuldades.

Portugal e a Polónia têm relações comerciais promovidas pela Câmara de Comércio Polónia-Portugal (PPCC) e pela Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa (CCIP), que gerem os interesses de cerca de 200 empresas parceiras.

Em declarações à ‘Executive Digest’ sobre como estão as empresas com ligações a Portugal a operar no país neste momento, Pedro Magalhães, Diretor da área de Internacionalização da CCIP, e Wojciech Baczynski, Diretor Executivo da PPCC, explicaram que “de um modo geral, todas as empresas portuguesas associadas à Câmara de Comércio Polónia-Portugal estão a trabalhar de uma maneira normal”.

“Muitas delas têm-se envolvido diretamente no apoio aos refugiados da guerra, que chegaram à Polónia em número a rondar os 3 milhões, ou seja, perto de 10% da população polaca. Várias empresas têm também ajudado a trazer para a Polónia os familiares dos seus colaboradores ucranianos, que faziam parte uma parte importante dos seus quadros antes da guerra. Existem também alguns casos de empresas com presença direta na Ucrânia, onde foi necessário aplicar medidas que vão desde a mitigação imediata de riscos comerciais, até à relocação dos quadros na Polónia.”

Sobre se existe algum medo perante a situação atual, os dirigentes dizem que sim, mas acrescentaram que se verificou “um movimento muito rápido, tanto ao nível particular como corporativo, de um clima de ação e apoio ao povo ucraniano, forçado a abandonar as suas casas e o seu país”.

Os pedidos de ajuda que ambas as câmaras obtiveram até agora foram sobretudo relacionados com “fatores económicos que apareceram antes da erupção da guerra, como por exemplo o aumento dos preços da energia e gás para o segmento industrial”, mas também referem “pedidos de apoio por parte das organizações e empresas diretamente ligadas ao apoio diário à comunidade ucraniana e aos refugiados”.

Quando questionados sobre os impactos já sentidos na atividade do país, a CCIP e a PPCC referiram dois em particular. “Em primeiro lugar, aumentou a pressão da inflação, por volta dos 12% atualmente, mas que já vinha a ser acentuada antes da guerra. Em segundo lugar, vemos um impacto negativo da saída de funcionários ucranianos para defender o seu país, visível, sobretudo, na maior escassez de trabalhadores nas áreas dos transportes, logística e setor de construção.”

Referem ainda a dificuldade em encontrar alternativas para a importação de gás e petróleo, sendo que já não podem recorrer à Rússia, dizendo que o problema “está a ser resolvido a nível governamental”.

“Existem também muitas empresas com níveis de penetração comercial significativa na Rússia, Ucrânia e Bielorrússia, que sofreram impactos significativos, mas estamos convencidos que, no médio prazo, serão encontradas as soluções alternativas.”

Para ajudar, ambas as câmaras têm “feito um trabalho de apoio customizado às empresas, esclarecendo dúvidas, disponibilizando informações e, acima de tudo, colocando frente a frente as empresas exportadoras portuguesas com os principais importadores, distribuidores ou clientes finais na Polónia”.

“As oportunidades de negócio continuam a acontecer, o mercado está a funcionar e existe procura por produtos e serviços *made in* Portugal. Nós temos a vantagem de estar em cima do acontecimento e de ter os meios disponíveis para que as empresas corram menos riscos e comecem ou aumentem os seus negócios de uma forma mais célere com este mercado”, concluem.

RFF & Associados – Sociedade de Advogados

A sociedade de advogados RFF também faz parte das empresas com presença na Polónia, prestando serviços de assessoria a “clientes individuais de nacionalidade polaca que mudaram a sua residência para Portugal” e para as empresas atua ao nível de “potenciais investimentos no mercado português, essencialmente na área das telecomunicações e do IT”.

A empresa explicou também à ‘Executive Digest’ que, até ao momento, não sentiu qualquer medo por parte dos parceiros no país, mas que receberam pedidos “de diversas pessoas que se encontravam na fronteira e às quais prestámos os nossos serviços de imigração e tax”.

Em termos de resultados, escassez de recursos e funcionários, a empresa ainda não sofreu qualquer impacto, mas diz que enfrenta desafios “resultantes de todas as externalidades negativas da guerra, designadamente a inflação, as taxas de juro e as maiores dificuldades na nossa (pequena) transição energética”.